

CONTANDO HISTÓRIAS NO ENSINO MÉDIO: ESTRATÉGIA PARA ESTÍMULO À APRENDIZAGEM MATEMÁTICA

Me. Flavio Pereira de Jesus

Universidade Federal do Espírito Santo

Esp. Ana Libania Alves Rodrigues

Rede Sesc

Dra. Márcia Regina Santana Pereira

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: Teria o ato de contar histórias, muito empregado na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a capacidade de trazer benefícios para os estudantes de Ensino Médio? Este questionamento motivou o desenvolvimento da experiência *Contando histórias no Ensino Médio: estratégia para estímulo à aprendizagem matemática*, relatada neste texto. Diferentemente da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, a narração de histórias no Ensino Médio deve ter abordagem diferenciada, com adaptações em relação às narrativas direcionadas aos

pequenos estudantes. Neste trabalho, o objetivo das histórias em sala de aula foi atrair a atenção do estudante secundarista e, a partir disso, iniciar tópicos de Matemática, servindo como motivação inicial. Após a observação sistematizada dos resultados da narração de histórias para adolescentes, verificou-se maior envolvimento dos estudantes nas aulas de Matemática, o que refletiu, inclusive, na melhoria das notas das avaliações aplicadas posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: narração de histórias; ensino médio.

TELLING STORIES IN HIGH SCHOOL: STRATEGY TO STIMULATE MATHEMATICAL LEARNING

ABSTRACT: Would the act of telling stories, much used in Early Childhood Education and in the early years of Elementary School, have the capacity to bring benefits to high school students? This questioning motivated the development of the experience *Telling stories in High School: strategy to stimulate mathematical learning*, reported in this text. Differently from Early Childhood Education and Elementary Education, storytelling in High School should have a differentiated approach, with adaptations in relation to the narratives

directed to the small students. In this work, the purpose of the classroom stories was to attract the attention of the secondary student and, starting from this, to begin topics of Mathematics, serving as initial motivation. After the systematic observation of the results of storytelling for adolescents, there was a greater involvement of the students in the Mathematics classes, which reflected, also, in the improvement of the grades of the evaluations applied later.

KEYWORDS: storytelling; high school.

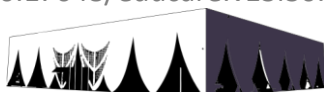


INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é a modalidade de ensino na educação básica que, naturalmente, concentra estudantes adolescentes. A faixa etária predominante nas turmas regulares vai dos quinze aos dezessete anos (BORGES, 2017). É explícito que os adolescentes trazem consigo, nesse momento da vida, uma energia típica dos que compartilham essa idade. Essa vitalidade realça em si a inquietude típica dos juvenis, com todos seus questionamentos e desejos de estabelecer ou validar referências que podem, eventualmente, influenciar o caráter no futuro.

O reflexo das características dessa peculiar faixa etária realiza-se na escola. Ambiente catalisador de toda essa juventude, a escola absorve os efeitos desses elementos de maneira bem particular. Nesse sentido, a palavra ‘particular’ refere-se à contradição do tratamento que a escola dá a essa clientela juvenil. Daí surge uma dicotomia temerária: por um lado, o jovem está inquieto, ativo, explorador e em busca de respostas; por outro lado, a escola o enclausura e oferece um ambiente com paredes e muros, que reverbera uma prática tradicional e, muitas vezes, aparentemente sem sentido para ele. Está posto, assim, um cenário de conflito de interesses.

Esse conflito redundando, entre outros elementos, na falta de interesse pela escola. As aulas, nesse contexto, tornam-se mera burocracia a ser cumprida pelo estudante com a finalidade de, ao fim do ano letivo, obter a aprovação para a série seguinte. Com essas circunstâncias, o trabalho do professor ganha mais um desafio na sala de aula: estimular a participação ativa do estudante durante as atividades propostas. No caso das lições das Ciências da Natureza e Matemática, o desafio é ainda maior no Ensino Médio. Conhecidas como o ‘núcleo duro’ do conhecimento, as disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia costumam inibir a simpatia de muitos estudantes, em parte pela falta de embasamento teórico que os educandos trazem consigo, e em grande parcela também pela inquietude que a adolescência traz como uma de suas marcas mais características.

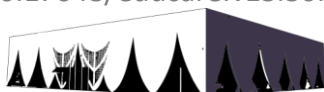


Realidades como esta requerem do professor mais do que habilidade técnica e domínio de conteúdos. Demandam percepção para agir de modo a convergir comportamentos e atitudes dos estudantes juvenis para que sejam alcançados os objetivos pedagógicos propostos para determinada atividade. Dessa maneira, a educação tem de ser dialógica. A escola não pode ser centrada no sujeito, seja ele o estudante ou o professor. Deve estar atrelada a toda a rede de relações e conexões entre os diferentes indivíduos desse intrincado processo cognitivo (RODRIGUES; JESUS, 2017).

Se entendermos a importância da linguagem na apropriação de conhecimentos, também poderemos compreender melhor a relevância da comunicação. A capacidade do humano de se relacionar evoluiu conjuntamente com as formas de se estabelecer comunicação. Aprende-se não para acumular conhecimento, mas para saber desenvolver atitudes e comportamentos, isto é, para reagir emocional e fisicamente, para construir os próprios padrões de relação com o mundo (VYGOTSKY, 1989).

Para responder à necessidade de reter a atenção do estudante, a estratégia adotada nas turmas de primeira e terceira séries do Ensino Médio de uma escola pública localizada em São Mateus (ES) foi utilizar a narração de histórias como motivação inicial das aulas, no projeto *Contando histórias no Ensino Médio: estratégia para estímulo à aprendizagem matemática*. É importante destacar que a prática de narração de histórias, muito comum na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, necessita de acentuadas adaptações para o Ensino Médio, como poderá ser visto neste texto mais adiante. O que motivou esta prática foi, de maneira geral, assegurar a atenção do estudante para as aulas de Matemática e, com isso, direcionar esta atenção obtida com a história para o assunto a ser abordado naquela aula.

Na escola onde foi realizado o projeto, o relacionamento dos estudantes com os professores e funcionários é bem amistoso. Não é raro ver estudantes pedindo opiniões e orientações ao professor sobre assuntos particulares, como mundo do



trabalho, ensino técnico e superior e outros, demonstrando um bom grau de respeito e confiança. Muitos pais não têm o hábito da leitura; alguns até são iletrados. O hábito da leitura e de estudo em casa normalmente não é incentivado pelos pais. Muitos estudantes, normalmente, optam por passar o tempo em redes sociais da internet em vez de empregarem o tempo com literatura, por exemplo (JESUS, 2018).

Assim como em outras escolas, as atividades preferidas pelos estudantes são as relacionadas ao esporte, como as aulas de Educação Física, ou aquelas que envolvem atividades práticas, como realização de algum experimento em Física ou Química, produção de um vídeo em Artes, ou de uma peça teatral em Língua Portuguesa, por exemplo. Atividades como simulados de Enem, somente para citar, não costumam ser muito bem recebidas pelos estudantes. Fora da escola, as atividades sociais, culturais e comunitárias preferidas por eles costumam ser o futebol de várzea nos fins de semana, passeios pela praia ou frequentar cultos religiosos (JESUS, 2018).

Este projeto foi elaborado para contribuir na aprendizagem das turmas na medida em que, com histórias contadas no início de cada assunto novo a ser abordado, tentou atrair a atenção do estudante, direcioná-la para o conteúdo e, além disso, tornar as lições mais amigáveis, procurando robustecer a simpatia pela Matemática e pelas ciências, em geral.

Como objetivos desta experiência educativa, estão favorecer a aprendizagem em Matemática por meio do recurso de narração de histórias; atrair a atenção dos estudantes secundaristas; direcionar a atenção obtida para as lições de Matemática; tornar mais amigáveis as aulas e atividades de modo a estimular a simpatia pela Matemática e pelas ciências; e contribuir na motivação dos estudantes.



Aprendizado e entretenimento

A aprendizagem na escola deveria ter caráter lúdico. Somente assim, o estudante se engajaria de fato. A necessidade que o homem tem de saber, pesquisar, atuar sobre a natureza, ao ser satisfeita, dá a ele tanto prazer quanto a satisfação de todas as outras necessidades. Este prazer é suprimido quando a satisfação dessas necessidades configura-se como um dever (TELES, 1989).

A narração de histórias, mesmo no Ensino Médio, traz consigo a intenção de divertir também. Souza e Bernardino (2011) esclarecem que contar histórias na escola foi tido, por muito tempo, apenas como um ato de entretenimento, distração ou relaxamento. No entanto, ressaltam que atualmente, embora algumas escolas ainda tragam a prática meramente como diversão, a figura do professor/contador de histórias tem-se revestido de grande importância.

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p.236).

O professor que se dispõe a contar histórias deve familiarizar-se com a boa técnica narrativa para manter a atenção do ouvinte, evitando longas descrições e divagações. Com a característica do discurso direto, a história pode tornar mais reais fatos e cenas (REGATIERI, 2008). Contar histórias pode, ainda, preservar a memória por meio da oralidade. “Implica uma capacidade de apresentar ou sugerir oralmente para os ouvintes as imagens e situações contidas no texto” (p.34).

Associada ao ato de contar histórias está uma importante reflexão trazida por Lippi e Fink (2012):



Devido às constantes mudanças que vêm ocorrendo na educação e a grande preocupação que se acentua cada vez mais em formar o aluno integralmente, ou seja, um indivíduo preparado para a vida, autônomo, crítico e consciente do seu papel enquanto cidadão, depara-se com a importância da leitura nos processos de aprendizagem do ser humano, levando em consideração o fato de que, lendo, se aprende a interpretar [...]. Sabendo interpretar, automaticamente acontece o ato de criticar. E nisso, encontra-se a oportunidade de, através da contação de histórias, formar leitores críticos, onde o botão mágico para despertar o gosto pela leitura estará inserido nesta prática (p.22).

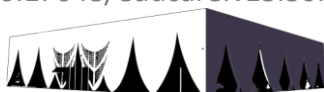
O contador de histórias deve ter a perícia de transformar algo que, caso seja monótono na escrita, seja algo “mágico” (LIPPI; FINK, 2012, p.23). As autoras destacam ainda como elementos fundamentais a serem observados pelo contador de histórias a pesquisa, o local, o tom da voz, o ritmo, a idade dos ouvintes, qual mensagem que se pretende passar, demonstrar entusiasmo pela história e segurança na narrativa, entre outros.

Para Cortes (2006), é por meio de uma história bem contada que é possível descobrir novas maneiras de agir, novas regras, aprender assuntos relacionados às disciplinas escolares, isso sem a aparência de aula tradicional. “É se sentir inquieto [...], querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia... É saber criticar o que foi lido ou escutado e o que significou” (p.80-81).

Atividades e reflexões

O projeto *Contando histórias no Ensino Médio: estratégia para estímulo à aprendizagem matemática* foi elaborado após a verificação de muitos casos de falta de interesse e notas abaixo da média em Matemática obtidas ao fim do primeiro trimestre letivo de 2017. Com isso, foi direcionado para aplicação durante o segundo trimestre letivo, entre os meses de maio e setembro.

A proposta relatada neste texto abrangeu quatro turmas de Ensino Médio regular do turno matutino: duas de primeira série e duas de terceira série. Nas primeiras séries, foram envolvidos 75 estudantes, enquanto nas terceiras séries, o total foi de 79 estudantes. A prática de narração de histórias persistiu durante todo



o ano letivo de 2017, abordando todos os conteúdos previstos para aquela série. Para este controle aqui relatado, no entanto, os assuntos contemplados na primeira série foram Função Afim e Função Quadrática, enquanto na terceira série foram os Sólidos Geométricos.

Nas turmas abrangidas por esta prática, o embasamento teórico-matemático era frágil, fato que pode ser notado durante o contato diário com os estudantes e também verificado pelos resultados quantitativos obtidos por eles ao fim do primeiro trimestre letivo de 2017. Isso resultava em falta de interesse e em notas baixas, o que desmotivava ainda mais os estudantes.

As aulas de Matemática são lecionadas quase que diariamente em cada turma. Isso representou uma oportunidade privilegiada de contato e acompanhamento do grupo de estudantes. A ideia surgiu pela afinidade do professor com os relatos orais, inclinação esta vinda de influência familiar e também geográfica, uma vez que a escola situa-se no Litoral Norte do Espírito Santo, região que pode ser considerada próxima a Minas Gerais, Estado fortemente conhecido pelos seus ‘causos’.

O professor, em momento anterior às aulas, procedeu à revisão de bibliografia, com estudos sobre a dinâmica de narração de histórias. Nessa pesquisa, verificou a abundância de relatos dirigidos aos estudantes infantis, no entanto, deparou-se com a escassez de literatura acerca dessa prática no Ensino Médio.

Diante desse obstáculo, a etapa seguinte foi selecionar as histórias mais adequadas para as turmas em questão. A seleção considerou, predominantemente, a relação com o conteúdo e a aproximação com a realidade local. Devido à escassez de material bibliográfico, quase todos os relatos foram criados pelos autores, ou aproveitados com adaptação de outras histórias contadas por familiares, ou alguns de domínio popular, ainda assim com adaptações. Com as histórias selecionadas, o professor lançou mão mais uma vez de pesquisa, desta feita para aprimorar

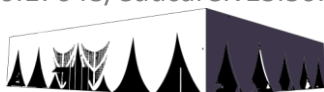


técnicas, como entonação da voz, gestual e outros elementos para contribuir nas narrativas.

É conveniente destacar que, em tempo algum, durante o desenvolvimento do projeto, os estudantes foram esclarecidos que tratava-se de uma prática de narração de histórias na tentativa de favorecer o aprendizado. Esta opção metodológica deu-se para evitar a artificialidade nas interações e também para incentivar, nas aulas seguintes, os pedidos por novas histórias, o que poderia significar a aceitação da prática.

Em sala de aula, a cada novo tópico, o professor lançou mão de uma história, que poderia ser um caso engraçado, ou uma lição de vida, ou ainda uma ‘pegadinha’, ou seja, uma história que vai-se desenrolando aparentemente séria e, no fim, termina com alguma ‘mentirinha’ engraçada. A proposta foi desenvolvida com a seguinte técnica: após a história, o professor aproveita-se da atenção que fora conseguida para si, e introduz o novo assunto. Como já relatado anteriormente, cada história tinha uma inicial relação com o conteúdo. Assim, ao terminar a história, o professor utilizava-se de frases motivacionais como “que tal se fizermos como o personagem da história?”, “como seria se, na nossa aula, acontecesse isso, ou aquilo?”, sempre no esforço de orientar aquele encorajamento como estímulo para a lição do dia. Essa prática foi avaliada ao fim do segundo trimestre com a finalidade de verificação da eficácia. No entanto, persistiu durante o terceiro trimestre como fator motivacional.

A avaliação deu-se em duas modalidades: uma qualitativa e outra quantitativa. Os estudantes foram convidados a responder um questionário, já passado o segundo trimestre letivo - que constituiu o período de observação sistematizada da ação - em que puderam opinar sobre a prática. Puderam avaliar pontos positivos e o que precisava melhorar. Pelos relatos colhidos, houve grande aceitação da prática e entendimento de que serviu, de fato, para estimular a aprendizagem, além de atuar como fator de motivação.



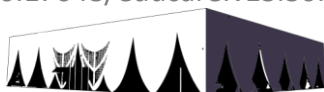
Outro instrumento utilizado foi a quantificação dos resultados por meio de notas aplicadas em testes escritos e trabalhos desenvolvidos. Esta medida visou verificar, por meio dos instrumentos que a escola brasileira determina, os resultados obtidos em termos de notas. Também nesse caso, a melhora foi perceptível. Em termos numéricos, todas as turmas abrangidas apresentaram melhora nas notas, quando comparados o segundo e o terceiro trimestres. Dessa forma, tanto a avaliação qualitativa, como a quantitativa, indicaram maior assimilação dos conteúdos matemáticos com a aplicação do projeto.

A execução deste projeto demandou, do ponto de vista financeiro, poucos recursos. Em geral, as histórias contadas apoiaram-se na *performance* do professor, com gestual corporal específico e, eventualmente, na utilização de quadro branco e pincel. Também foi aproveitada a biblioteca pessoal destes pesquisadores, com publicações acerca da narração de histórias. Não foram utilizados fantoches, ou bonecos, para evitar a possibilidade de interpretação das histórias como infantilização dos estudantes adolescentes.

Não se devem usar meios caros se não existir uma consciência clara de que esse gasto extra seja necessário para chegar a determinadas aprendizagens. Além disso, a substituição, acrítica, de certas tecnologias mais elementares por outras mais sofisticadas não faz com que, necessariamente, haja melhora na aprendizagem (JESUS, 2018, p.55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador que afirma não aprender com os estudantes certamente tem dificuldades em compreender a peculiar dinâmica social que ocorre no dia a dia da sala de aula. O processo de relações interpessoais que se estabelece entre docente e estudante representa um momento singular de aprendizado que, por sua vez, não ocorre somente do primeiro para o segundo, mas constitui-se de um cenário em que, sempre variando, o sujeito torna-se objeto e o objeto, constantemente, vira sujeito.



Durante a observação sistematizada da prática, e durante o restante do ano letivo, os adolescentes demonstraram como eles querem e gostam de ser tratados, como é agradável para eles quando descobrem-se capazes de assimilar tópicos da Matemática, satisfação às vezes esquecida ou ignorada pelo próprio professor. O aprendizado também abrange o educador, que pode dar encaminhamento mais adequado para os planos de aulas, que podem deixar de sobrevalorar a linguagem extremamente técnica e dar espaço ao contexto e aproximação do dia a dia, sem exaltação do utilitarismo e sem abrir mão do rigor científico.

A energia e vitalidade que a juventude traz consigo devem ser canalizadas para atividades que façam sentido na vida do estudante, no entanto, sem a pretensão de mostrar a Matemática apenas como utilitária, o que seria uma abordagem muito tênue e superficial. Mesmo tratando-se de um projeto que dispôs poucos recursos financeiros e até mesmo físicos, o investimento em autoformação do professor não pode ser desprezado. O trabalho direcionado a crianças com atividades que privilegiam a manipulação e a ludicidade pode ser possível no Ensino Médio também.



REFERÊNCIAS

- BORGES, Priscilla. **Só metade dos brasileiros entre 15 e 17 anos está no ensino médio.** Último segundo. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/so-metade-dos-brasileiros-entre-15-e-17-anos-esta-no-ensino-medio/n1237776251005.html>>. Acesso em: 10 set. 2017.
- CORTES, Maria Oliveira. **Literatura infantil e contação de histórias.** Viçosa, CPT, 2006.
- JESUS, Flavio Pereira de. **Mediação e Desenvolvimento:** contribuições do Pibid no processo de ensino e aprendizagem. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo. São Mateus, 2018. 117f.
- LIPPI, Elisiane Andréia; FINK, Alessandra Tiburski. **A arte de contar histórias:** perspectivas teóricas e práticas. *Vivências*, Erechim, v.8, n.14, p.20-31, mai.2012.
- REGATIERI, Lazara da Piedade Rodrigues. **Didatismo na contação de histórias.** Em extensão, Uberlândia, v.7, n.2, p.30-40, jul./dez.2008.
- RODRIGUES, Ana Libania Alves; JESUS, Flavio Pereira de. **Quem vai ficar com o pêssego?** Uma metodologia para o ensino de conceitos matemáticos na pré-escola. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA, 7., 2017, Canoas. Anais... Canoas: Ulbra, 2017.
- SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** *Educere et educare*, Cascavel, v.6, n.12, p.235-249, jul./dez.2011.
- TELES, Maria Luiza Silveira. **Curso básico de Sociologia da Educação.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Recebido em: 30/04/2018

Aprovado em: 18/07/2018

